

Descobrimo a cidade “PARA-FORMAL”: Controvérsias e mediações no espaço público

LAÍS DELLINGHAUSEN PORTELA¹; DÉBORA SOUTO ALLEMAND²; RAFAELA BARROS DE PINHO³; GLAUCO ROBERTO MUNSBERG⁴; EDUARDO ROCHA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – laisdp@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – deborallemand@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – rafaelaapinho@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – glaucomunberg@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este escrito é fruto de projeto de pesquisa que dedicou-se a experimentar essas “para-formalidades” nos territórios centrais de algumas cidades latino-americanas - Bagé, Salvador, Montevidéu, Santiago do Chile, Santo Ângelo, La Plata, Pelotas, Brasília, São Paulo e Jaguarão –, e as mapeou a partir de cartografias urbanas¹, fazendo uso de recursos infográficos e sendo divulgado em tempo real por meio de *website*². A pesquisa se voltou para os espaços não regulados, espaços anarquistas, onde se produzem atividades que tendem a subverter as leis da economia tradicional, do urbanismo e das relações humanas, que podem gerar mudanças importantes, tanto teóricas como práticas, na maneira de pensar e planejar a cidade.

"Para-formal" é uma palavra criada pelo grupo argentino GPA (2010)³, é um conceito de fronteira, que ao contrário da oposição entre o formal e o informal – a partir de áreas do conhecimento como o urbanismo e a economia, que categorizam seus estudos e objetos em cidade/economia formal e informal – busca experimentar a fresta ou o interstício entre categorias, que aqui denominamos como "cenos urbanas para-formais". Um modelo de investigação "para-formal" que se apropria de categorias alternativas para explorar o “campo do meio”, a zona cinza, onde se desenvolve a verdadeira máquina da cidade.

Nessa pesquisa, as atividades consideradas “para-formais” foram aquelas que se encontraram no cruzamento do formal (formado) e do informal (em formação), todas as atividades (comerciais, culturais, moradia, etc.) encontradas no espaço público da cidade, que não fazem parte de seu desenho urbano (original), mas que “agora” – na contemporaneidade⁴ – fazem parte de seu cotidiano. São cenos urbanas, individualizadas por imagens fotográficas e anotações. O "para-formal" no cotidiano das cidades gera controvérsias (disputas, opiniões diversas ou debates) na sua relação cidade-corpo e corpo-cidade, às vezes veladas e dóceis outras reveladas e desobedientes.

No decorrer do trabalho buscou-se como objetivos: compreender e sistematizar as “para-formalidades” encontradas nos centros das cidades, com a intenção de dar visibilidade aos fenômenos urbanos da contemporaneidade; analisar a relação da cidade formal com suas “para-formalidades”; estabelecer variáveis que permitem ilustrar de maneira clara o espaço e o tempo como sentido básico de orientação, tudo isso através de elementos de leitura de planos e cartografias (imagens) e; errâncias urbanas⁵, como forma de desvendar a cidade dentro da cidade.

¹ A cartografia urbana é um método que se faz para cada caso, cada grupo, cada tempo e cada lugar. Podemos registrar essa cartografia urbana através de desenhos, fotografias, filmes, cadernos de campo, exercícios artísticos, sons, etc. - quaisquer formas de expressão que possibilitem avançar no exercício do pensar. A cartografia é um modo de ação sobre a realidade,

um modo próximo à uma tática, um mapa que propõe o enfrentamento com o real, despojando-se com as mediações a partir de modelos preconcebidos (ROCHA, 2008). ROCHA, Eduardo. *Cartografias Urbanas*. In: Revista Projectare. n. 2. p.162-172. Pelotas: UFPel, 2008.

² A plataforma para-formal pode ser acessada em: (<http://plataformaparaformal.com.br/>).

³ O grupo Gris Público Americano (GPA) é um coletivo independente, formado por um grupo de arquitetos argentinos com sede em Buenos Aires, integrado por Mauricio Corbalán, Paola Salaberri, Pío Torroja, Adriana Vázquez, Daniel Wepfer e Norberto Nenninger [<https://www.facebook.com/grispublicoamericano.gpa>]. Propõe investigações que tem como ponto central as situações de controvérsias urbanas, polêmicas e/ou complexas. GRIS PUBLICO AMERICANO. *Para-formal: ecologias urbanas*. Buenos Aires: Bismar Ediciones/CCEBA Apuntes, 2010.

⁴ “A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, dele toma distâncias [...]” (AGANBEM, 2009, p. 59). AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

⁵ As errâncias urbanas são experiências de apreensão e investigação do espaço urbano pelos errantes (JACQUES, 2012, p. 22). São a própria visibilidade requerida pela metodologia cartográfica da cidade para-formal. Para a experiência errática, a representação visual não é tão importante e o que vale mais são as vivências e ações.

2. METODOLOGIA

Delimitou-se os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa referente às cidades estudadas; coleta de imagens exploratórias errantes em trechos de áreas centrais de cidades, tendo-se sempre um ponto de saída e um ponto de chegada, mas nunca um caminho determinado a seguir; identificação dos equipamentos “para-formais” presentes em cada cena registrada (bancas, cestos, caixas, bancos, etc.), análise e classificação dos equipamentos “para-formais” encontrados quanto ao seu tipo, porte, mobilidade e instalações, além de fazer a relação dos corpos com os equipamentos e de reconhecer elementos urbanos/climáticos que possam modificar ou possibilitar as atividades (como o clima, a estação do ano, calçadas, marquises, etc.); organização de dados referentes à coleta de imagens e análise das atividades realizadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da aplicação dos procedimentos metodológicos, das análises e cruzamentos de mapas, foi possível chegar a alguns resultados, como: 1) O “para-formal” é carregado de costumes e identidade/diferença cultural local; 2) O “para-formal” nos ensina novas soluções para a cidade na contemporaneidade, assim como anima, ensina, vive e experimenta a cidade; 3) O desenho urbano existente (legal) acomoda-se às cenas “para-formais” e vice-versa; 4) Ao mesmo tempo, o “para-formal” também em várias cenas polui, atrapalha e violenta a cidade e o cidadão e; 5) O “para-formal” denuncia a ausência de equipamentos urbanos.

Foram feitos também alguns cruzamentos das informações obtidas a partir das cidades pesquisadas, descobrindo-se os tipos de atividades e equipamentos mais ou menos utilizados nas cidades e relacionando-o com o espaço urbano. Também descobriu-se como são os corpos “para-formais”, compreendendo quais as diferenças de um lugar para outro. Mas as principais análises focaram no espaço público onde as atividades “para-formais” encontravam-se, relacionando com a prática do urbanismo e do planejamento urbano.

Assim, alguns cruzamentos foram feitos a partir do material coletado, levando-nos na direção de algumas descobertas, destacamos:

Os trailers são a categoria “para-formal” de “maior evidência” nas cidades de Jaguarão, Bagé, Pelotas, Santo Ângelo e Montevideu; são encontrados em locais diversos da cidade, desde a praça central, como em canteiros centrais, ruas de menos trânsito e juntamente com outros aglomerados “para-formais”. O resultado da pesquisa apontou positivamente para o uso de trailers no espaço público, mostrando que as pessoas gostam de ter os equipamentos em sua cidade, pelos mais diferentes motivos: é tradicional, gera movimento e maior segurança à noite, gostam da variedade de lanches, atrai pessoas para o local, entre outros. Cabe ressaltar a péssima qualidade estética e sanitária de alguns desses trailers, o que para a imagem da cidade não causa uma boa sensação.

Os chamados aqui de “paraciclos inventados” são encontrados em grande quantidade nas cidades de Jaguarão, Pelotas e Santiago. Qualquer coisa: grade, poste, etc., pode servir de apoio para guardar a bicicleta do usuário no centro da cidade. Durante as errâncias pudemos observar uma enorme quantidade desse uso “para-formal” de um elemento do espaço público e também privado indiscriminadamente.

Uma categoria muito recorrente nas cidades de Jaguarão, São Paulo, Bagé e Santo Ângelo é o que chamamos de “para-formal no formal” trata-se de atividades “para-formais” que ocorrem anexadas às atividades formais (lojas, restaurante, etc.). O formal avança sobre o espaço público indiscriminadamente, acomodando-se nas calçadas, fachadas e até mesmo em vagas de estacionamento e caixas de rolamento. Uma extensão das vitrines.

Encontramos para-formalidades nos seguintes espaços: calçadas, marquises, esquinas, abandonos, vazios, entre outros. Acoplamentos aos equipamentos urbanos (banco, poste, lixeiras, etc.) que podem ser referência para os lugares das “para-formalidades”. Concluiu-se, então, que o uso das calçadas pode “poluir a visual” das ruas, porém, em muitas das cidades, este hábito é aceito pela população que inclusive “interage” com os produtos, podendo ver e tocar na mercadoria sem precisar entrar no estabelecimento. Outro destaque é que alguns desses estabelecimentos, em frente às suas instalações, oferecem serviços e equipamentos públicos aos moradores da cidade, como: bancos para descansar, lixeiras, paraciclos, sombra, etc. Observa-se que essa invasão do espaço público, quando indiscriminada, nos passeios públicos pode obstruí-los e torná-los obstáculos para os pedestres.

Nota-se também, sobre os espaços ocupados pelos equipamentos grandes, como os trailers, que esses necessitam de estudos a respeito de onde serão alocados no espaço público: é papel do arquiteto e urbanista planejar os espaços “para-formais”.

Os equipamentos foram divididos em três categorias quanto: ao tamanho, mobilidade e instalações. Com base nisso, afirma-se que os equipamentos grandes e fixos, “arquiteticamente” não apresentam boas soluções, são na sua maioria adaptados e locados em pontos muitas vezes estratégicos para a percepção da imagem da cidade, muitos deles ocupando “grandes” áreas públicas.

Já as cenas/atividades ambulantes e móveis, animam o espaço público da cidade, fazendo com que a cada momento nos deparemos com novidades, sensações, sons e paisagens diferentes. Os ambulantes e móveis trazem soluções criativas para o centro da cidade, inventam novos usos e para isso não poupam estratégias de sobrevivência e vivência. Conseguem criar uma rede de dependência para seus usos e atividades – “é impossível viver sem eles”.

O corpo “para-formal” geralmente está presente nas atividades que observamos e muitas vezes ele é a própria “para-formalidade”, é o protagonista. Podem estar sentados, em pé ou caminhando. Em grupos ou solitários. Observou-se os corpos que acompanhavam os equipamentos médios e móveis geralmente se encontravam sentados ou em pé, ao lado do equipamento. Já nos trailers por exemplo, os corpos estavam dentro do próprio equipamento, podendo movimentar-se com certa facilidade.

4. CONCLUSÕES

Com base nos estudos, análises, oficinas e intervenções, pode-se afirmar, ao final da pesquisa que coexiste uma cidade “para-formal”, uma cidade paralela à cidade formal. Encontrou-se um espaço de indiscernibilidade, uma zona esfumada, onde podemos abandonar ou encontrar tudo aquilo que ali mesmo havíamos perdido. A cidade ora limita, ora liberta os corpos e as ideias, o tipo de movimentação experimentada no corpo dos usuários é modificado conforme a cidade modifica-se.

“Para-formalidades” disputam o espaço com novas construções, as bancas de revistas confundem-se com os vendedores ambulantes, os cartazes anunciando promoções nas lojas e os anúncios das traseiras dos ônibus. Quando muito se vê, pouco se percebe. Em meio a tantas imagens, e seu acúmulo veloz, o homem se espelha e se estranha em seu próprio abandono.

Caminhando nas brechas, margens e desvios do espetáculo urbano que surge uma outra cidade, intensa, viva. O “Outro urbano” é aquele que escapa, resiste, vive e sobrevive no cotidiano dessa outra urbanidade, através de táticas de resistência e apropriação do espaço urbano, de forma anônima (ou não) e dissensual, radical. Esse “Outro urbano” se explicita através da figura do morador de rua, ambulante, camelô, catador, prostituta, artistas, entre outros. São estes que a maioria aponta por manter na invisibilidade, opacidade, sendo “alvos” da regulação, ou nas palavras de Paola Jacques (2012)ⁱ, “assepsia” dos projetos e intervenções urbanos. Portanto, compreende-se a importância das errâncias urbanas como forma de construção da cidade, abrindo espaço para discussões e pensamentos a respeito do lugar do ser humano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- DELEZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.
- GRIS PUBLICO AMERICANO. **Para-formal: ecologias urbanas**. Buenos Aires: Bisman Ediciones/CCEBA Apuntes, 2010.
- JACQUES, P. B. [org.]. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- ROCHA, E. **Cartografias Urbanas**. In: Revista Projectare. n. 2. p.162-172. Pelotas: UFPel, 2008.
-